

Contando a história de um objeto: o porta-caneta sarcófago²⁴

Maria Evany do Nascimento (UEA)

Introdução

*Cada produto da criação humana,
utilitário, artístico ou simbólico,
é portador de sentidos e significados,
cuja forma, conteúdo e expressão
devemos aprender a ler ou decodificar.
- Guia Básico de Educação Patrimonial, 1999 -*

Os objetos que nos acompanham dizem de nós, das nossas escolhas, das nossas preferências, da nossa condição social e cultural. Os objetos nos definem. Eles também refletem a sociedade que o produziu, sua economia, política, religião e todas as esferas que envolvem a vida em sociedade e a produção e consumo de bens. Existe antes do processo de escrita e da produção de livros. Pensando nisso, todo e qualquer objeto que portamos, pode falar tanto da sociedade que o produziu quanto de nós mesmos. Como está colocado na epígrafe acima, o objeto é “portador de sentidos e significados” que precisamos “aprender a ler”, pois trata-se de um processo cultural.

E como nós podemos ler um objeto? Como é possível analisá-lo? A proposta aqui é analisá-lo por várias lentes, numa abordagem transdisciplinar. Entendendo aqui a abordagem transdisciplinar como o objeto percorrido por diferentes áreas do conhecimento. Pretende-se sair de uma visão unilateral para uma visão mais complexa e sistêmica do objeto. Este constituirá a nossa realidade, que não se dá de uma forma fragmentada como muitas vezes aprendemos na escola, mas se dá de uma forma complexa. É Morin (2008) quem nos aponta para essa necessidade da religação dos saberes e para o papel da academia nesse processo.

Para tratar do tema reuniremos autores de diferentes áreas como antropologia, sociologia, história, artes, semiótica e design. E traçaremos uma proposta de leitura deste objeto também pautada em estruturas e categorias advindas dessas mesmas áreas. Com vários pontos de vista esperamos apresentar diferentes olhares sobre o objeto que podem atuar na sua compreensão global e não mais fragmentada. Nesse sentido, não será o aprofundamento de uma teoria em particular, mas o aprofundamento da leitura do objeto.

Contudo, embora estejamos buscando uma confluência de saberes que se interligam em um dado objeto, a escrita deste texto ainda estará estruturada em partes. Mas buscando uma análise diacrônica e sincrônica, onde o

24. Texto produzido a partir do Minicurso ‘Os Objetos Contam Histórias’, ministrado no 1º Encontro Internacional SDISCON, realizado nas dependências da Escola Normal Superior – ENS-UEA, no dia 9 de junho de 2017.

objeto encontrará todos os pontos de abordagem. O percurso então partirá da justificativa da escolha do objeto, passando por abordagens sobre o nome, características formais e materiais, a contextualização e trajetória do objeto além de uma discussão sobre diferentes categorias de valor.

Visto o alinhamento teórico-metodológico, utilizaremos para análise um porta-caneta em formato de sarcófago, detalhado a seguir.

Objeto: um percurso de descobertas

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita, faremos algumas considerações sobre as concepções de objeto discutidas aqui, bem como pela compreensão, ainda que preliminar, de um sistema de significações, das relações estabelecidas com eles.

Iniciaremos com a literatura, retomando a história da produção dos objetos na história do homem. O livro *História das invenções*, de Monteiro Lobato (2014 [1947]), na voz de Dona Benta, vai contando a história das várias invenções criadas pelo homem a partir das suas necessidades. Lobato divide a história das invenções em duas partes: na primeira, considera as invenções como extensões do próprio corpo e a outra como instrumental para as necessidades do homem, de sobrevivência e conforto. Começa falando sobre as invenções com o objetivo de “dobrar a pele”, de onde surgem as roupas e as casas. E passa para os primeiros artefatos, como extensão das mãos (a machadinha, o martelo e todas as ferramentas e armas), depois do pé (o trenó e a partir dele todos os veículos de transporte), extensão da boca, do nariz, do ouvido e do olho.

Lobato (2014 [1947]) destaca as invenções dos homens das cavernas, colocando-as como precursoras de tudo que o mundo tem de mais moderno em termos de objetos. E a partir daí, como uma invenção é na verdade o aperfeiçoamento da anterior. Nesse sentido, cada objeto pode ser pensado como pertencente a uma variação de outros objetos pela necessidade de sua invenção. Podem ser pensados como descendência. E ao buscarmos as origens para cada um deles, esbarraríamos nos povos das cavernas.

Pensando agora no nosso objeto de análise, poderíamos dizer que se trata, na perspectiva lobatiana, do resultado do aperfeiçoamento de uma necessidade de guardar coisas, para o nosso conforto, uma vez que o estojo irá guardar pequenas coisas. E poderíamos nos perguntar também: qual teria sido o seu objeto anterior, ou a partir de quais objetos ele foi inventado? Quem seria o seu ancestral mais próximo e o mais antigo? Qual teria sido a sua necessidade de invenção? Em que contexto ele foi inventado? E por quem? Responder a essas perguntas já nos daria uma perspectiva intrigante sobre tudo o que nos cerca.

Partindo para a história da arte, Neil MacGregor, no livro *A história do mundo em 100 objetos* (2013), assume o

papel de um contador de histórias que quer nos chamar a atenção para os objetos, nos propõe uma viagem até seus significados e nos deixa curiosos para querer saber mais, além de nos ampliar a visão para observar todo e qualquer objeto que nos rodeia.

Como o próprio título do livro indica, a proposta era escolher 100 objetos do acervo do Museu Britânico, que pudessem contar a história da humanidade e que representassem o mundo todo. Um plano ambicioso e que pretendia incluir não só objetos já conhecidos da história da arte que indicassem a vida dos ricos. Por isso, entraram também objetos do cotidiano como provas da existência de sociedades antigas, de suas formas de vida, sua cultura, seus processos simbólicos.

Ao longo do livro, os objetos são descritos, apresentados enquanto materiais, sinais do passado, sobreviventes de uma época, documentos de um tempo. E são apresentadas suas condições atuais de conservação, descobertas recentes, o contexto da época em que ele foi produzido, a história da chegada deste objeto ao Museu. Enfim, o livro apresenta uma proposta de metodologia para a observação e análise de um objeto que também utilizaremos para este exercício, pois tem uma base transdisciplinar.

Quanto ao conceito, na obra são tratados como objeto tanto um cartão de crédito, uma das grandes invenções do século XX e o penúltimo dos 100 listados no livro, quanto um sarcófago egípcio de 240 a. C., primeiro objeto a ser apresentado no livro e que é similar a outro sarcófago do qual o nosso estojo aqui analisado é uma réplica em miniatura.

Os objetos, sua produção e a relação simbólica que estabelecemos com eles, são temas da área da cultura e especificamente da cultura material. Infelizmente, ainda não nos apropriamos da necessidade desses estudos para compreender a sociedade em que vivemos, como bem nos alerta Miller (2013, p. 8):

A cultura material, enfim, começa por mera casualidade na história das disciplinas acadêmicas estabelecidas. [...]. Contudo, ninguém pensou numa disciplina acadêmica cuja área específica de estudo fossem os artefatos, o mundo dos objetos criados pelos seres humanos. Mas poderia ser diferente. Pense no quanto as disciplinas acadêmicas estabelecidas, da arqueologia à arquitetura, da sociologia ao design, necessitam de teorias e perspectivas sobre esse mundo material. Se o estudo da cultura material tivesse existido durante o último século em milhares de universidades, ela seria aceita como fato tão consumado e pacífico quanto hoje é a linguística.

Estudamos muitas dimensões da cultura, mas ainda precisaríamos estabelecer mais vínculo com o estudo da cultura material, uma vez que especialmente em um curso de formação de professores lidamos diariamente com uma gama infinita de objetos como suportes e recursos metodológicos.

Estes poderiam ser convertidos em objetos pedagógicos, material didático intencional com roteiro de estudo e pesquisa. Estaríamos, portanto, inserindo no espaço acadêmico discussões sobre a cultura material e ampliando assim a nossa percepção de mundo através dos objetos que portamos.

Figura 1 – O porta-caneta sarcófago



Fonte: Acervo da autora

O objeto: escolha e motivação

Ainda que a intenção deste texto seja abordar o objeto de forma transdisciplinar é importante esclarecer o que pautou a escolha deste objeto em especial para a referida análise. Neste momento a concepção basilar de objeto será dada por Baudrillard, uma vez que o estojo é um objeto do cotidiano que ele define como “objetos de uma paixão”.

Litré dá, entre outras acepções do objeto, esta: ‘tudo aquilo que é a causa, o alvo de uma paixão. Figurado e por excelência: o objeto amado.’

Admitamos que nossos objetos cotidianos sejam com efeito os objetos de uma paixão, a da propriedade privada, cujo investimento afetivo não fica atrás em nada àquele das paixões humanas, paixão cotidiana que frequentemente prevalece sobre todas as outras, que por vezes reina sozinha na ausência das outras. Paixão temperada, difusa, reguladora, cuja importância no equilíbrio vital do indivíduo e do grupo, na própria decisão de viver pouco conhecemos. Os objetos nesse sentido são, fora da prática que deles temos, num dado momento, algo diverso, profundamente relacionado com o indivíduo, não unicamente um corpo material que resiste, mas uma cerca mental onde reino, algo de que sou o sentido, uma propriedade, uma paixão (2008, p. 93-94).

Então, o objeto é aqui escolhido não por sua função prática de uso, mas pela abstração desta funcionalidade e a relação com o sentido de pertencimento, de posse pelo indivíduo. É a este conceito que se insere o objeto que aqui será analisado. Ou ainda, é a partir deste conceito de objeto que se dá a escolha para a análise do estojo, pois ele, ainda

que esteja exercendo sua função utilitária, também e mais que isso, é um objeto que pertence a alguém, que a identifica, qualifica e diferencia entre outros, é “objeto de uma paixão”.

Também nessa linha de pensamento, Adrian Forty na obra *Objetos de Desejo* (2007), trata da construção da história do design a partir da análise do objeto industrial. Especificamente como uma história da produção de objetos que como o próprio título indica, constituirão “objetos de desejo”. Isto se dava pelas características ou valores simbólicos que eram agregados a esses objetos. Segundo o autor, a segunda metade do século XVIII vai marcar a invenção (ou construção simbólica) dos produtos destinados ao homem, à mulher, à criança, dentro das diferentes classes sociais (o patrão e o empregado). Nesse contexto o objeto já marcava uma diferenciação social.

O objeto e seu nome

O nosso estojo ou porta-caneta em formato de sarcófago, a princípio pode ter vários nomes partindo do seu uso ou de considerá-lo um objeto usual: podemos chamá-lo de porta-canetas, em referência ao seu uso (no caso o uso que está sendo feito dele neste momento) que é guardar lápis, canetas e borrachas; poderia também ser porta-trecos, se outras coisas, além de canetas fossem reservadas nele; poderia chamar de lata, como uma referência ao material de que é feito; e ele também poderia ser chamado de decorativo, como uma referência a outra possível função que ele assume. Também poderíamos dizer que ele é didático, uma vez que pode ser usado para falar sobre várias coisas, inclusive neste momento em que estamos tecendo essas considerações preliminares, eis que ele assume uma função didática. Independente da função utilitária, possui também uma função estética, pois há uma preocupação com a beleza, tanto na forma quanto no aspecto simbólico que esta forma possa evocar. Constitui ainda um objeto de memória ou dispositivo de memória, se ao observá-lo nos reportamos a outro tempo e outra cultura, à cultura egípcia ou mais especificamente ao espaço-tempo em que ele foi adquirido.

Muitas denominações e classificações: estojo, porta-caneta, porta-treco, lata, decorativo, didático, estético, dispositivo de memória. Essas denominações nos levam também a um número considerável de categorias em que este objeto poderia estar inserido. E a partir daí, temos um leque bem maior de possibilidades de análise.

Poderíamos retomar Baudrillard (2008) que apresenta, entre outras, as seguintes categorias de objetos: cotidianos, práticos, mobiliários, modernos, de série, antigos, funcional, técnico, puro, de coleção. Dessa lista, poderíamos dizer que o nosso estojo é um objeto cotidiano, pois se presta a um uso comum, diário; por isso também é prático e funcional; e ainda entraria nas categorias de objetos de série e de coleção, pelo apelo estético.

O objeto e suas características formais

Iniciando o processo mais detalhado de descrição, podemos fazer a descrição formal. O objeto apresenta como cor principal na parte externa o amarelo e como cor secundária, o verde. Na parte interna outras cores se destacam, como vermelho e branco. Os desenhos se referem a figuras egípcias. Mede 21cm de comprimento, 7cm de largura e 3cm de altura. Quanto ao uso, apresenta marcas de desgaste em várias partes, resultado do encaixe (abrir e fechar da lata). Trata-se de um produto industrializado e produzido em série.

Essas informações poderiam ainda ser expandidas conceitualmente adotando-se as categorias de análise advindas da semiótica, relacionadas às dimensões do produto, sendo elas: dimensão sintática, pragmática e semântica (NIEMEYER, 2003). Nesse momento, o nosso porta-canetas sarcófago passa a ser tratado como produto, advindo da indústria, como tantos outros.

Considerando a dimensão sintática, que diz respeito à estrutura do produto e o seu funcionamento técnico, o nosso estojo é composto por duas partes que se encaixam. Na dimensão pragmática, que se refere ao uso, já discorreremos ao tratar do nome e função. Mas poderíamos ainda nos fazer outras perguntas atendendo ao ponto de vista ergonômico ou sociológico: quem usa o produto e em que tipo de situação? A dimensão pragmática também pode tratar do ciclo de vida do produto, da sua produção ao descarte, como nos informa Niemeyer (2003, p. 48):

Aqui, o *uso* é entendido como a utilização prática de um produto, compreendendo toda a existência do produto, de seu planejamento a sua destruição, reuso ou reciclagem. A dimensão pragmática de um produto inclui o conhecimento sobre os seus usuários, e sobre o seu impacto ambiental e, também, sobre negócios e produção.

Do estojo, sabemos que passou por um processo de industrialização, não investigamos como se deu o seu planejamento ou as fases iniciais de produção. O que nos mostra as muitas possibilidades de ampliação da discussão. E vale ressaltar que, neste momento, o objeto encontra-se ainda em pleno uso e sem intenções de descarte.²⁵

E quanto à semântica, seria a percepção quanto às qualidades expressiva e representacional dos produtos, já adentrando para as representações simbólicas. Vai dizer dos aspectos representacionais do objeto de acordo com o material do qual ele é feito, por exemplo. Nosso estojo é de metal e mesmo que seja usado para guardar canetas da mesma forma que um estojo de plástico ou de tecido, apresenta qualidades representacionais distintas destes. Está relacionado a um ambiente de museu, a aspectos de história da arte, ao imaginário que se construiu sobre o

25. Essa preocupação com o processo de produção de um determinado objeto, também pode ser estudada na obra de Annie Leonard, *A história das coisas*: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo o que consumimos. A autora traça essa história a partir de alguns objetos e considerando os processos de extração, produção, distribuição, consumo e descarte. O enfoque é direcionado para as questões políticas e ambientais do consumo excessivo de mercadorias.

Egito. Sua forma remete a isso. Sua função também auxilia na qualidade representacional.

Retomando ainda a Semiótica, podemos fazer uma leitura do nosso estojo considerando a categoria **referências no produto**, que diz respeito aos signos encontrados e seus sentidos ou propósito comunicacional (NIEMEYER, 2003). Uma das informações encontradas no verso da peça diz que as vendas estão destinadas ao Museu Britânico. Outra informação é o símbolo do *copyright*, identificando que todos os direitos são reservados ao Museu Britânico. Há ainda a informação de que a ilustração é de Frances Button. Que foi feito na Coreia. E finaliza com o site do museu: www.britishmuseum.co.uk. Traz ainda outras identificações por números e o código de barras. Aspectos visíveis do processo de globalização, pois um objeto vendido em um país que detém os seus direitos autorais é produzido em outro.

O objeto e suas características materiais

Podemos ainda adentrar mais na dimensão formal e buscar informações sobre o material do qual o nosso porta-canetas sarcófago é feito. Então nos perguntamos: De que é feita uma lata? Uma volta rápida no Google e obtivemos esta resposta:

O material básico usado para a fabricação das *latas* é o aço. O primeiro passo para o processamento do aço é a produção do ferro fundido. [...] Durante a fabricação é aplicada uma fina camada de estanho, formando as folhas de flandres, ou uma camada de cromo, formando as folhas cromadas.²⁶

O aço é o material básico que vem a partir do ferro. Então, como obtemos o ferro? Já estamos adentrando na área da Química e lembramos da Tabela Periódica e da composição dos elementos (Ferro = Fe). O ferro está presente na natureza através de seus minérios, que precisam ser condensados para dele se extrair o ferro²⁷ que será usado para os mais diversos fins, inclusive para produzir o aço e as folhas de flandres que produzem as latas. É sabido que as grandes mineradoras causam impactos igualmente grandes no meio ambiente, uma vez que o processo de extração de minérios é irreversível. Então, nossas latas já nascem de uma agressão à natureza, já trazem essa história como marca.

Nessa perspectiva material, poderíamos adotar o ciclo de vida do objeto, tal qual Annie Leonard analisa em seu livro *A história das coisas* (2011) e pensar na lata desde a extração, passando pela produção, distribuição, consumo e descarte, numa sequência de perguntas como estas:

a) Extração: De onde, como e quem faz a extração da matéria-prima da qual é feita a lata? Quais os impactos ambientais e sociais?

26. Disponível em <<http://www.abeaco.org.br/latastexto.html>>. Acesso em 09 de junho de 2017.

27. Para maiores informações sobre a obtenção e o uso do ferro, ver: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/obtencao-ferro.htm>>.

- b) Produção: Onde, como e quem produz este objeto? Sob que condições?
- c) Distribuição: Como se dá o processo de distribuição? Que vias são incluídas nessa logística?
- d) Consumo: Quem são os consumidores? Quais os locais de venda?
- e) Descarte: Como se dá o descarte deste tipo de objeto? Quanto tempo ele leva para se decompor?

Seria uma pesquisa intensa e extensa e nos ajudaria a pensar mais sobre a nossa prática de consumo e toda a nossa relação com os objetos.

Contextualização histórica

A contextualização histórica compreende as informações relacionadas a tempo/espaço e nesse momento o contexto será dado pela representação simbólica do nosso porta-canetas, que nos remete ao Antigo Egito.

O objeto que estamos analisando é uma miniatura que representa um sarcófago egípcio e é uma produção industrializada. O sarcófago do qual o nosso estojo é uma réplica em miniatura, trata-se de um objeto no qual eram feitos os enterramentos com processo de mumificação no Antigo Egito. Existem muitos deles, de madeira pintada e outros de pedra, expostos em grandes museus como o Museu Britânico e o Museu do Louvre. Dentro dos sarcófagos, além dos corpos mumificados, eram depositados adornos com material nobre e pedras preciosas.

Na própria lata aparecem algumas informações complementares em relação à figura representada na parte externa da lata e aos desenhos da parte interna. Trata-se da sacerdotisa chamada Henutmehyt. O texto escrito em inglês (no sentido de uma língua universal), diz o seguinte:

Os antigos egípcios acreditavam na vida após a morte, mas a fim de apreciar esta ao máximo havia certas preparações que tinham de ser feitas. O corpo do falecido tinha que ser preservado, envolto em ataduras e, em seguida, encerrado em uma série de caixões decorados com inscrições em hieróglifos, muitas vezes consistiam em feitiços ou invocações para os deuses para proteger o ocupante e guiá-lo com segurança para a vida após a morte.

Este projeto é baseado no caixão de madeira dourada interior da sacerdotisa de Tebas Henutmehyt, datando de período anterior à décima nona dinastia, c. 1290 a. C.²⁸

No site do Museu Britânico, na página em que aparece a lata para venda, apresenta-se a seguinte descrição:

Uma lata de lápis em forma de múmia. Esta lata de lápis é baseada na múmia de uma mulher egípcia chamada Henutmehyt, de mais de 3.000 anos atrás.

28. "The ancient Egyptians believed in the afterlife, but in order to enjoy it to the full there were certain preparations which had to be made. The body of the deceased had to be preserved, wrapped in bandages and then encased in a series of coffins decorated with hieroglyphic inscriptions, often spells or invocations to the gods to protect the occupant and guide him or her safely to the afterlife. The design is based upon the gilded wooden inner coffin of the Theban priestess Henutmehyt, dating from the Nineteenth Dynasty, c.1290 bc." Tradução nossa.

A múmia está exposta no Museu Britânico. A lata do lápis é ideal como o presente para todo egíptólogo²⁹.

O mesmo site também apresenta as especificações do produto:

Código do produto: cmcg44160
 Exposição: vidas antigas
 Cultura Mundial: Egito antigo
 Detalhes: exclusivo para o Museu Britânico, desenhado pela equipe do Museu em casa
 Tamanho: 21cm (longo) x 6cm (largo) x 2.5cm (densamente)
 Peso: 0.094 kg
 Entrega padrão do Reino Unido: 5 dias de trabalho. Os tempos ultramarinos podem variar³⁰

Certamente esse prazo de entrega não está contando com pedidos feitos pelo Brasil, por exemplo. Também nas informações observamos o destaque ao planejamento considerando o desenho, mas não mencionando o local de produção. E a atenção dedicada às especificações quanto às referências simbólicas. Trata-se de uma lata, numa visão pragmática. Mas enquanto objeto projetado para atrair determinado público, é mais que isso. Trata-se de um “objeto de desejo”.

A trajetória do objeto

A trajetória, aqui, pode ser considerada como parte da contextualização, pois trata do percurso que o porta-canetas fez até o presente momento. Conforme visto anteriormente, de acordo com as informações na própria peça, trata-se de um objeto inspirado em um sarcófago egípcio. Foi encomendado pelo Museu Britânico, em Londres. Sua produção foi realizada na Coreia. Adquirido no Museu do Louvre, que fica em Paris, na França, faz parada em Manaus, no Brasil, onde sua proprietária reside. Mas também já passou por outras cidades do interior do Amazonas, como Benjamin Constant, Tabatinga, Manicoré e São Paulo de Olivença, acompanhando sua proprietária como um objeto de uso, decorativo e diferencial. E como dito anteriormente, está longe de ir para o descarte. Essa trajetória ou percurso do objeto, pode gerar localizações bastante interessantes em um mapa. Especialmente se considerarmos a trajetória desde a extração da matéria-prima.

O Valor do objeto

Uma das categorias mais interessantes para se pensar objetos é a categoria de valor, pois esta mergulha em diferentes contextos também. Existem muitas categorias de valor que podem servir para uma apreciação deste objeto, mas vamos centrar em cinco pontos: valor histórico, afetivo, simbólico, comercial e valor institucional. Estas categorias em parte podem ser encontradas em Horta, Grunber e

29. “A mummy shaped pencil tin. This pencil tin is based on the mummy of an Egyptian woman called Henutmehyt, from over 3,000 years ago. The mummy is on display in the British Museum. The pencil tin is ideal as gift for any budding Egyptologist.” Disponível em: <<https://www.britishmuseumshoponline.org/mummy-pencil-tin-henutmehyt.html>>. Acesso em: 08/06/2017. Tradução nossa.

30. Product Code: CMCG44160 Disponível em: <<https://www.britishmuseumshoponline.org/mummy-pencil-tin-henutmehyt.html>>. Acesso em: 08/06/2017. Tradução nossa.

Monteiro (1999, p. 14-15), no *Guia Básico de Educação Patrimonial*, que oferece exercícios de apreciação e análise de objetos sob esta perspectiva educativa. O exercício “Descobrimo um Objeto”, traz uma tabela com as seguintes categorias: aspectos físicos, construção, função, forma e design. Nesta categoria de valor, dá-se ênfase ao valor monetário, histórico e afetivo. A partir dessas indicações, podemos analisar o valor deste objeto da seguinte forma:

●**Valor histórico.** Por se tratar de um objeto industrializado, seu valor histórico se dilui pela produção em série. Poderíamos olhar para ele como o representante de uma indústria cultural que trabalha com a objetificação da memória e cria souvenirs dos mais diversos temas de diversas culturas para que os consumidores possam se apossar de tais objetos e se apropriar dessa memória.

●**Valor afetivo.** Do ponto de vista afetivo, este estojo tem muito valor para mim, pois o considero um poderoso suporte de memória da viagem a Paris, da visita ao Louvre e da paixão pela cultura egípcia (ou pelo menos pelo imaginário que construímos dela pelos livros e filmes).

●**Valor simbólico.** Na perspectiva simbólica, considerando a semiótica peirceana, podemos apreciar o objeto na tricotomia ícone, índice e símbolo. O objeto representa o sarcófago que é outro objeto existente fora dele, ícone. É parte dele por constituir-se sua miniatura e com isso, comprova a sua existência, índice. E o poder simbólico que carrega de nos remeter, quase que automaticamente (uma vez que nossa educação nos fornece informações sobre a cultura egípcia), ao imaginário egípcio de múmias e sarcófagos.

●**Valor comercial.** Do ponto de vista comercial, este estojo custou para a consumidora final, o valor de 20 euros. Foi adquirido em julho de 2013. Cambiando para nossa moeda, significa que, com a variação de hoje (08.06.17), em que 1 euro está custando R\$ 3,65, o valor total do objeto seria R\$ 73,00. No entanto, no site do Museu Britânico, este mesmo objeto está disponível a 5,99 libras esterlinas, o que significaria R\$ 24,92. Mas, nesse caso, não estamos considerando o transporte. Poderíamos também refletir sobre a precificação das coisas e nos questionarmos sobre o porquê da produção desses objetos na Coreia. Até que ponto é válida esta produção deslocada e quem se beneficia com isso?

●**Valor institucional.** Considerar as instituições às quais este objeto está ligado é conferir-lhe mais valor. Lembrando que foi encomendado pelo Museu Britânico e comprado no Museu do Louvre. Diferente se tivéssemos adquirido na loja Bemol do Amazonas Shopping ou no Baiano (loja que vende brinquedos no Centro de Manaus).

Outras categorias de valor poderiam ser somadas a essas: valor de uso, valor de troca, valor estético. Contudo, para este texto, nos bastou, a título de exemplificação, apresentar as categorias listadas. Retomando o *Guia Básico de Educação Patrimonial* (HORTA; GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 9), para sintetizar essas reflexões a respeito do nosso objeto em análise:

Nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e adotado de significado pela sociedade que o criou. Todo um complexo sistema de relações e conexões está contido em um simples objeto de uso cotidiano, uma edificação, um conjunto de habitações, uma cidade, uma paisagem, uma manifestação popular, festiva ou religiosa, ou até mesmo em um pequeno fragmento de cerâmica originário de um sítio arqueológico.

Tais declarações nos indicam as inúmeras possibilidades de análise que podem ser feitas nessa perspectiva educacional. E ainda que:

Descobrir esta rede de significados, relações, processos de criação fabricação, trocas, comercialização e usos diferenciados, que dão sentido às evidências culturais e nos informam sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente, em um ciclo constante de continuidade, transformação e reutilização, é a tarefa específica da Educação Patrimonial. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 9).

Tarefa da Educação Patrimonial, mas que, como foi explorada nesse texto, pode ser assumida por diferentes áreas do conhecimento.

Finalizando um percurso... iniciando novas questões

Buscando uma abordagem partindo do objeto e lendo-o sob várias óticas, consideramos este um percurso transdisciplinar. Adotamos as áreas da cultura material, semiótica, design, história e arte como caminhos possíveis de leitura que podem se entrecruzar e nos revelar sentidos mais amplos de percepção e compreensão do mundo.

Considerando o ambiente educacional, vimos ao fim deste percurso, o objeto com função pedagógica. Ou ainda o deslocando do seu mundo cotidiano, da sua função utilitária e assumindo uma função pedagógica, constituindo assim um recurso didático. Enquanto pensado e trabalhado desta forma, pode ser além de um artefato cultural também um artefato de mediação³¹ entre o indivíduo e o seu processo de conhecimento de mundo, que o professor de diferentes disciplinas pode explorar em sala de aula.

Além dessa compreensão voltada para a educação, este texto nos aponta caminhos para construir uma metodologia de análise de objetos para atividades interdisciplinares. Nesse sentido, trata-se de uma estrutura em construção.

31. Para ampliar a discussão sobre o objeto enquanto artefato de mediação no campo educacional, ver DAMIANOVIC, Maria Cristina. (Org.). *Material Didático: elaboração e avaliação*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007.

Que outras abordagens e questões podem ser inseridas para nos ampliar o olhar sobre o mundo que nos cerca? Que autores estão discutindo atualmente as questões da cultura material em um mundo cada vez mais virtualizado? De que forma os objetos estão sendo trabalhados na sala de aula? Como invocar de forma mais significativa a compreensão de mundo a partir da leitura de um objeto? Estas são apenas algumas outras questões que podem contribuir com a continuidade dessa discussão.

Então, que tal agora escolher o seu próprio objeto e fazer uma leitura expandida?

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FORTY, Adrian. *Objetos de Desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LEONARD, Annie. *A história das coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo o que consumimos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LOBATO, Monteiro. *História das invenções*. São Paulo: Globo, 2014.

MacGREGOR, Neil. *A história do mundo em 100 objetos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

NIEMAYER, Lucy. *Elementos de Semiótica aplicados ao Design*. Rio de Janeiro: 2AB, 2003.